

A V I D A D E

Cancão de
F ô g o
e seu Testamento

LEITOR se não se enfadar
d'esta minha narração,
leia a vida desse ente
e preste bem atenção,
que foi o quengo mais ladino
d'esta nossa geração.

Pois ele desde criança
sabia tudo iludir,
estradeiro muito velho
não o pode competir,
o Cancão nunca armou laço
que ninguém poudesse sair.

Cigano que no Egito
o temiam como lobo,
entre tôdos os ladrões
era professor do roubo,
chegou aqui no Brasil
o Cancão fez d'ele um bôbo.

Até na hora da morte
o Cancão calotiou
com o testamento dele
inda o juiz se enrascou,
o escrivão recebeu
um processo que tomou.

Na vida dele houve caso
que faz chamar atenção
muito gente talvez pensa
que seja exageração
ia um ladrão roubar ele
e roubava o ladrão

Agora vamos saber
quem era esse tal Cancão
descrever os sinais dele
costumes e propensão,
para dodermos entrar
em sua apreciação.

Cancão era um apelidido
que os irmãos lhe pu-eram
pelas travessuras dele
esse apelidido lhe deram
por ele nunca querer
o que os parentes quizeram,

Ele era um branco moreno
de olhos agatiados,
o rosto largo pequeno
os cabelos estirados,
não eram pretos nem louros
eram quase acastanhados.

O corpo muito franzino
e muito pouco comia,
vivia sempre pensando
de noite pouco dormia,
não confiava em ninguém
e nem contava o que via.

No quengo é que não se pode
dar, dele uma descrição,
só posso classifica-lo
como grande aberração,
um caso extraordinário
enfeites da criação.

Porque admiro a tudo
esse ente se criar,
e enganar todo mundo
e ninguém o enganar!
nunca achou um estradeiro
que o pudesse enrascar

Roubar objeto a'gum
isso não; nunca roubou,
mas em negócio com ele
nunca ninguém se salvou,
desde a igreja a justiça
tudo isso se queixou.

O pai de Cancão de Fogo
foi um homem preparado,
de muitos bons sentimentos
e muito bem arranchado,
mas a sorte neste mundo
dar e tira como um dado

Por isso Cancão um dia
estava n'uma discussão.
disse a um irmão da mãe dele:
— homem algum tem distinção,
a vantagem do fiel
è a mesma do ladrão,

Já tinha quase dés anos
nunca ouviu dizer assim:
Pedro escapou por ser bom
Paulo morreu por ser ruim,
bom e máu bonito e feio
tudo tem o mesmo fim.

Cancão tinha sete anos
quando andou perto da morte,
foi passar n'um rio cheio
a correnteza era forte
dessa vez quase a desgraça
faz êle mudar de sorte.

O Cancão já se afogando
estava bastante vexado,
quando passou um cavalo
que ali morreu afogado,
o Cancão saltou-lhe em cima
e disse: — estou embarcado.

Os irmãos bateram palmas
quando viram ele cair,
disseram em casa: — nós vimos
o Cancão se consumir,
afogou-se nesse instante
ali deitaram a sorrir.

A própria mãe de Cancão
não deu sinal de sentida,
quando trouxeram-lhe a nova
da desgaza acontecida,
e disse —êlé não prestava
não derdeu-se nada a vida.

Cancão saíu no cavalo
com as pernas a remar,
tocaram n'uma barreira
Cancão poudé se salvar,
disse êlé bom cavalo
que faz o dono escapar.

O Cancão entrou em casa
por todos surpreendido,
principalmente os que viram
quando êlé tinha caído
já tinha corrido a nova
que Cancão tinha morrido.

A mãe dele perguntou-lhe:
—a morte então não ti quiz?
—quem não quiz, disse Cancão
—foi o esforço que eu fiz,
graças a um cavalo morto
que foi quem me fez feliz.

Cancão de Fôgo já tinha
nove ou dez anos de idade,
quando o pai d'ele morreu,
deixou-os em necessidade,
Cancão quando sôbe disse:
— isso não è novidade.

Minha mãe está sem marido
por isso não vai chorar
eu também fiquei sem pai
porem sempre hei de passar
ela pode achar marido
pai é que eu não posso achar.

Eu digo como o macaco:
a um, outro respondeu,
quando ele disse: seu mano
sua mãe hoje morreu,
disse-lhe então o macaco:
por isso espeva eu

A mãe de Cancão de Fogo
diciu se a trabalhar,
Cancão de Fogo não quiz
a isso se sugaitar,
dizendo: não tenho forças
para o serviço acabar.

Agora para viagem
ou para qualquer mandado
achava o de prontidão,
não se mostrava enfadado
ninguem conseguia dele
era serviço pesado.

Todos da casa queriam
ver o Cancão se acabar,
dizia o Cancão de Fogo:
pode tudo me odiar,
amor não enche barriga
ódio uão faz empachar.

Minha mãe acha que fez
favor ter me concebido,
eu ca sim, fiz lhe um favor
livrei a de ter morrido,
e o que seria deia
se eu não tivesse nascido.

Se ela deu-me de mamar
que eu não sei, ela é quem diz
eu não lhe pedi o peito
se me deu foi porque quiz
em eu lhe vasar os seios
foi um favor que lhe fiz

Eu ca só devo favor
ao sol e a agua do rio,
e agua porque a bebo
e tomo banho no estio,
dêvo ao solpo que me esquenta
nas horas que tenho frio.

Um dia disse a mãe dele:
— não tenho que almoçar
O Cancão de Fogo disse:
é fácil de se arumar,
o mundo é uma dispenza
tem o que se procurar.

Então a mãe dela disse:
só se for comprar fiado,
eu morro porem não compro
Deus está vendo o meu estado
seu pai morreu sem dever
conservou seu nome honrado.

Disse Cancão: —essa honra
não passa de palhaçada,
porque o capitalista
não olha a pessoa honrada,
leve honra n'uma venda
e veja se arruma nada.

Disse a velha: —não puxaste
a teu pai que foi honrado,
disse Cancão: Deus me livre
eu ter a ele puxado,
se eu fosse como meu pai
estava também enterrado.

Ela chorando não pode
pronunciar mais um nome,
o Cancão de Fôgo disse:
—minha mãe está com fome
disse: espere mais um pouco
que nessa casa se come.

Saiu encontrou um velho
que andava ali perdido,
o velho era sertanejo
e ali desconhecido,
não sabia de um hotel
onde fosse garantido.

O velho muito usurario
não queria se arranchar,
em qualquer hotel decente
sò com mêdo de pagar,
dava preferênciam a um rancho
somentem a fim de poupar.

O Cancão de Fôgo disse:
—vossa mercê està perdido?
me pague que vou botá-lo
onde será garantido,
foi o hotel que já vi
de preço mais resumido.

—Eu vou contar ao senhor
eu levei lá um freguez,
era um mez que ia passar
foi tão bom que passou trez,
quer saber quanto gastou
dez dostões por cada mez.

—Se me dá cinco mil rês
vamos que està arranchado,
a despesa è a que eu disse
là não hà preço alterado,
leve os contos que quizer
que là ninguem é roubado.

O velho disse consigo:
—esse sim vem me servir,
é atraz desse que ando
para comer e dormir,
só gastarei seis mil rês
daqui até eu sair.

E saiu com o Cancão
com o mesmo a conversar,
Cancão mostrou-lhe uma casa
disse: —è ali, pode entrrar,
dê-me o dinheiro que volto
ver outro p'ra se arranchar.

O velho deu-lhe o dinheiro
e Cancão saiu danado,
não procurou mais ninguém
foi logo para o mercado,
dizendo: com seus botões
eu hoje como deitado.

Gastou os cinco mil réis
não ficou com um vintem
chegou em casa com tudo
e disse a mãe: aí tem,
pode cuidar no almoço
por hoje nós estamos bem

A velha olhou para ele
com cara bastante feia
perguntou: foste comprar
fiado na venda alheia?
disse Cancão: foi um frete
que levei para a cadeia.

A velha aí exclamou
oh! bruto amaldiçoado,
alem de seres ladrão
és de mais até malvado
alem de roubar o velho
deixasse-o tão enrascado.

Lançando mão de uma vara
atacou ela em Cancão,
Cancão se fez na canela
disse: com pau isso não
eu não hei de ser fiel
obrigado a ser ladrão.

O velho chegou na casa julgando que fosse hotel então logo quando entrou conheceu que era o quartel e vieram ao encontro dele o cabo e o furriel.

O furriel perguntou-lhe: o senhor vem se entregar, é sem dúvida criminoso e vem ao juri se livrar, o velho ficou de forma que nem podia falar.

Ladrão! exclamou o velho traçoiro desgraçado, disse lhe o cabo se sente não precisa ter cuidado, porem só pode sair com ordem da delegade.

Então esse caso deu-se no centro da capital, e Cancão de Fogo disse se eu ficar aqui vou mal, eu posso correr o mundo e não gasto o principal.

O tio dele sabendo o que tinha se passado foi na casa da mãe dele que ia desesperado dizendo: que do Cancão inda seria vingado.

Cancão ganhou a estrada
de Paraíba a Goiana,
passando por um partido
entrou chupou um cana,
disse: - n'essas condições
eu viajo uma semana.

Largou-se de estrada afóra
sem direção nem destino,
quando chegou em Goiana
embora que pequenino,
foi procurar uma casa
que se empregasse menino.

Empregou-se n'uma casa
para vender taboleiro,
a doze mil rês por mez
disse êle: - é bom dinheiro,
isso é quase um ordenado
d'um guarda livro ou caixeiro

Do serviço de Cancão
tudo da casa gostava,
muito fiel e esperto
aquilo não se encostava,
e do taboleiro dele
um bolo não se roubava.

Ao cabo de sete mêses
o Cancão tinha juntado,
sessenta e quatro mil réis
quase tôdo ordenado,
o dinheiro que ganhou
o tinha todo guardado.

Um dia disse consigo:
— minha mãe tem precisão,
talvez não tenha mais roupa
e até lhe falté o pão,
vou mandar-lhe esse dinheiro
èla me agradeça ou não.

Mandou-o pelo correio
mandou dizer onde estava,
e o emprego que tinha
e a quantia que ganhava,
então mandou lhe dizer
que tôdo mez lhe mandava.

Assim mesmo pela velha
tudo tinha se arrumado,
èla pensou que Cancão
tivesse até melhorado,
mas o tio quando soube
ficou como um cão danado.

E o irmão da mãe dele
essa féra inconsciente,
só odiava Cancão
por ser ele inteligente,
e os filhos desse monstro
brutos desgraçadamente,

Havia ali um mulato
chamado José Vaqueiro,
um individuo ladrão
covarde e alcoviteiro,
jurava o que nunca viu
por diminuto dinheiro.

Esse tendo feito um roubo
o Cancão de Fogo viu,
foi logo ao delegado
e o roubo descobriu,
por isso o cabra foi preso
e uma sentença cumpriu

O tio de Cancão de Fogo
julga ir muito acertado
mandou por José Vaqueiro
ver o Cancão escoltado,
dizendo: com seus boiões
ele chega desgraçado.

Chamou o Vaqueiro e disse:
dou lhe parte de uma história
va ver Cancão em Goiana
está aqui a precatória,
ele ja lhe deve uma
tem mais você essa glória.

A precatória que vai
foi feita por escrivão,
o delegado assinou
o mandado de prisão,
a denúncia vai provando
que o menino é ladrão.

Ele descobriu seu roubo
você pode se vingar,
ele fez você ir preso
e custar a se soltar,
essa ocasião é própria
para ele lhe pagar.

O indivíduo saiu
como uma fera tirana
levou chuva no caminho
poz se a tomar muita cana,
foi cair embriagado
num dos ranchos de Goiana.

O Cancão ia passando
e achou o le deitado,
disse aí dentro de si:
este cabra vem danado,
o carcereiro amanhã
terá mais este apurado.

Meteu lhe a mão na alg beira
e achou a precatória,
era um protocolo enorme
era uma medonha história
disse Cancão: eu ti nrraljo
um baile de palmatória.

Aonde Cancão dormia
tinha chaves enferrujadas,
de portas de armazem velhos
por ali depositadas
Cancão limpou as dizendo
hoje são aproveitadas.

Voltou e achou o cabra
inda na mesma soneira
Cancão tomou lhe chegada
poz lhe a mão muito maneira
trazia as ch ves num molho
botou-lhe na algibeira.

Saíu no mesmo momento
foi dizer ao delegado:

—vi no rancho de tal parte
um individuo deitado,
é ladrão e assassino
e trez vezes processado.

— Anda com chaves que abre
qualquer porta de armazem,
e na casa aonde vai
não deixa n'ela um vintem,
se não o prenderem logo
não escapará ninguém.

Então foram lá no rancho
ainda estava êle deitado,
cinco chaves na algibeira
foi visto por um soldado:

—o individuo è ladrão.
disse a praça ao delegado.

O individuo acordou
jà debaixo do facão,
falava porém ali
ninguem lhe dava atenção.
ele ali calculou logo
ser cilada de Cancão.

Daí a sessenta dias
foi que veio justificar,
levou setenta e trez surras
quase morre de apanhar,
por um milagre de Deus
ainda pode voltar.

O Cancão disse consigo:
— eu aqui sou descoberto
pedir as contas e sair
esse é o plano mais certo,
eu não quero que a polícia
me pegue de corpo aberto.

Devido a José Vaqueiro
ter caído na prisão,
o comércio de Goiana
fez um presente a Cancão,
deu-lhe duzentos mil réis
como gratificação.

Cancão antes de sair
fez duas cartas primeiro,
uma foi para a mãe dele
mandando-lhe mais dinheiro,
outra ao tio dando lembrança
que mandava Zê Vaqueiro.

Disse na carta do tio:
seu mordomo excelente,
eu apresentei-o aqui
ao delegado somente,
foi para a casa da câmara
seguido por muita gente.

— Está na casa do governo
là tem honras de sultão,
soldados ali na porta
a sua disposição,
se o senhor tivesse vindo
era mais satisfação.

Cancão pediu ao patrão
licença d'uma semana
para visitar sua mãe
que estava em Taboiana
dizendo: ela não pode
vir de pé até Goiana.

O patrão aí pagou lhe
o resto do ordenado,
disse Cancão: eu agora
preciso tomar cuidado
dormir pouco e andar muito
viver mais acutelado.

O tio de Cancão de Fogo
veio cá pessoalmente,
e provou com documentos
que a prisão foi inocente,
foram procurar Cancão
a um mez que estava ausente

O tio de Cancão de Fogo
disse ao tal José Vaqueiro
você siga daqui mesmo
atrás daquele estradaire,
disse o cabra: eu não vou la
inda por todo dinheiro.

Quem sofreu o que sofri
não vai atrás de Cancão
no meu lombo não tem lixa
para limpar-se facão,
os dois mezes de cadeia
me serviram de lição.

Eu fui que quasi que morro
com facão e palmatória,
os tormentos que passei
me ficarão em memòria,
garanto que seu sobrinho
foi quem ganhou na história

Cancão embolsou o cobre
disse: vou dar um passeio,
o mundo é mole eu sou duro
e furou-o de meio a meio,
agora vou ao Recife,
vou vê se è bonito ou feio.

Cancão saiu de Goiana
antes de dar meio dia,
chegou em Iguarassú
ao tocar Ave Maria,
não quizeram dar lhe rancho
pois ninguem o conhecia

A policia o encontrou
pergun'ou=lhe de onde vinha
disse ele: venho de casa
de avó e madrinha,
disse o sub delegado
você está bom para a marinha

O Cancão dentro de si
ficou bastanta agitado,
mas se mostrasse recusa
ia dormir amarrado,
disse consigo: eu arrumo
este sub-delegado

Esse sub-delegado
era um alfêres ambulante,
sujeito metido a bom
porém muito ignorante,
o Cancão disse consigo:
esse aqui cai n'um instante.

Disse Cancão: --senhor tenente
era atraz disso que eu vinha,
porque até quando durmo
só sonho com a marinha,
por isso já dei desgosto
a minha avó e madrinha.

—O senhor faz uma carta
a quem eu ei de falar,
me ensine a rua onde è
que è fácil eu acertar,
disse o alfêres: — eu mando
um soldado lhe levar.

—Inda è melhor para mim
disse contente o Cancão,
—peço a vossa senhoria
para me dar um cartão,
porque me arrumarei bem
com a sua proteção.

Foi o Cancão para o quarto
mas não se deu por achado,
do dito quartel dormia
o tal sub-delegado,
por fortuna nessa noite
da fôixa tinha um soldado

O alféres confiado
que ali estava garantido,
armou a rêde e deitou-se
de tôda roupa despido,
ressonava como um porco
estavá do mundo esquecido.

O soldado na tarimba
da mesma forma dormiu,
o Cancão disse consigo:
—esse sono me serviu,
e tirou a roupa toda
abriu a porta e saiu.

Carregou as duas bluzas
do alféres e do soldado,
calças, camisas, ceroulas
tudo isso foi levado,
sò ficou com o relógio
o mais botou no valado.

As seis horas da manhã
encontrou êle um menino,
um desses que vem ao mundo
por capricho do destino,
e no princípio da vida
triste como a voz do sino.

Cancão perguntou a êle:
que tens tû que vaes chorando?
jà vão ti doendo os pés
que ti vejo suspirando?
respondeu êle: — eu devia
só viver me lastimando.

Fui um menino engeitado
fui logo triste ao nascer,
que uma ave noturna
tão triste não pode ser,
eu sou igual ao deserto
onde ninguém que viver.

Esse homem que me cria
me maltrata em tal altura,
que nem um preso no cárcere
sofrerá tanta amargura,
não foi Deus, é impossível
que me deu tal desventura.

E para onde é que vais?
o Cancão lhe perguntou,
eu vou daqui a dez leguas
que ele hoje me mandou,
e não me deu um vintem
veja em que condições vou.

Queres fazer como eu?
já ficarás descançado,
e teu pai de criação
talvez nem tenha cuidado,
pois só se tem prejuizo
se o objeto é comprado.

Eu também sou como tu
só nunca fui engeitado,
mas até por minha mãe
eu sou bastante odiado
porem este mundo é grande
eu hei de viver folgado.

Como se chama você?
responde: - me chamo Alfredo
e eu sou Cancão de Fogo
meu nome digo sem medo,
tendo precisão eu nego
porque em tudo há segredo

Quer ir comigo, acompanha me
faço-lhe observação.
não ha de insultar ninguém
e nem ha de ser ladrão,
ser esperto nos negócios,
isso é uma obrigação.

Se se furtará uma coisa
estando necessitado,
se não quizerem lhe dar
tem um direito sagrado
aí se rouba até Deus
se achar ele descuidado.

Se um ladrão vir-nos roubar
devemos procurar jeito,
de roubar primeiro ele
porem rouba lo direito,
que depois dele roubado
todos digam: foi bem feito.

Disse o Alfredo: pois vamos
porem eu quero saber,
nós ainda tão pequenos
de que podemos viver,
disse o Cancão: ora essa
vivemos do que comer.

Agora vamos saber
como o alfêres ficou,
as sete horas do dia
foi quando se levantou,
gritou: —acorda soldado
o menino nos roubou.

O soldado deu um grito
que o alfêres se assombrou,
e perguntou: —o que foi?
o soldado suspirou,
e disse: —tudo que eu tinha
aquele infame carregou.

—Que faço, disse o alfêres
—nuzinho sem poder sair
se o governo souber disso
pode atê me demitir,
sò não deserto hoje mesmo
por não ter o que vestir.

As quatro horas da tarde
ainda entavam despido,
e o chefe de polícia
jà tinha disto sabido,
mandou vir preso o alferes
e foi logo demitido.

Cancão chegou no Recife
sismado do que houve lá
soube que ia um vapor
com destino ao Pará,
disse em voz baixa a Alfredo:
—vamos para o Ceará.

—Entramos que ninguém veja chegando a ocasião.

que nos veja sem passagem
você diz que é meu irmão,
o resto é por minha conta
eu desenrolo a questão.

Entraram pelo resbordo
sem ninguém os dizer nada,
já perto do Ceará
foram então fazer chamada,
e Cancão disse a Alfredo:
— não conte história furada.

Perguntou o comissário:

—meninos, vocês quem são? ?

—nós somos dois passageiros

respondeu sério o Cancão,

— passageiros sem bilhetes?

para onde vocês vão. ?

— Papai comprou as passagens
e mandou nos trazer cá:

—em qual vapor mandou êle

diz Cancão: —no Ceará,

êle mora no Recife

mamãe mora no Pará.

Este vapor è o Olinda

o «Ceará» là ficou,

Cancão exclamou de formas

que o comissário chorou,

disse: —maninho! nossa roupa

ai! meu Deus que là ficou.

Pergunteu o comandante
— menino seu pai quem é?
disse Cancão: — é fiscal
no Recife em São José,
minha mãe é professora
e se chama Salomé.

Perguntou o comandante
como o senhor é chamado?
o Cancão de Fogo disse:
o meu nome é Remuldo,
o nome de seu irmão?
disse Cancão; é Renaldo.

Então disse o comandante:
quando chegar em Belem
mande chamar sua mãe
e o delegado também,
la é que posso saber
o erro de onde vem.

O comandante fiado
que eles eram do Pará
não os privou que saltassem
no porto do Ceará,
o Cancão de Fogo disse:
um burro é quem vai por lá.

Naquele mesmo vapor
a precatória seguiu,
denunciando o Cancão
quando no quartel dormiu,
porém ia no correio
o comandante não viu.

O Alfredo arroumou tudo
quanto o Cancão esperava,
disse o vigário comsigo:
—atraz de ti eu andava,
um conto de rês de esmola
o vigário projetava.

Deu-lhe mais um atestado
escrito com perfeição,
com carimbo da igreja
feito por tabelião,
de forma que sò estava
de acordo com o Cancão.

Mandou fazer-lhe trez fatos
de luto, p'ra ele andar,
e lhe disse: — das esmolas
você não pode tirar,
um vintem d'elas não tire
sobre pena de pecar.

Quando Alfredo chegou
Cancão ficou satisfeito,
deu-he um abraço dizendo:
—és um menino direito,
presta atenção aos mandados
tudo que faz è bem feito.

Meia noite êles saíram
quando o dia amanheceu,
disse Cancão neste mundo
não hà mestre como eu,
nem mesmo o diabo pode
escapar d'um laço meu.

Com seis dias de viagem
começaram a esmolar,
Cancão aonde pedia
fazia gente chorar,
a fim de darem uma esmola
eram capaz de roubar.

A graça era quando eles
chegavam n'um povoado,
o Cancão com a corôa
ia pedindo de um lado,
então Alfredo pedia
como cégo e aleijado,

No Ceará não ficou
uma sò povoação,
que não fosse explorada
por Alfredo e por Cancão,
e nunca chegou o dia
que gastassem um só tostão.

Ao cabo de quatro mezes
jà o vigário cismado,
foi aonde Alfredo disse
que tinha sido criado,
lhe dissêra que ali
tempo algum tinha morado.

Um dia Cancão de Fôgo
consultou ao companheiro,
dizendos: —somos felizes
temos bastante dinheiro,
já temos mais de seis conto
vamos ao Rio de Janeiro.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).